

CARTA AO EDITOR

Senhor Editor:

É com muita honra que sou sócio da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical e com muito prazer acuso o recebimento dos anais do último Congresso realizado em Florianópolis.

Apenas uma retificação a fazer: na relação dos Presidentes dos Congressos, o realizado em Porto Alegre, em 1970, foi presidido pelo meu pai Prof. Dr. Antonio Peyrouton Louzada e não como consta ali.

Solicito-lhe pois, a corrigenda necessária para este grave erro histórico de nossa Sociedade, assim como o justo reconhecimento deste eminente tropicalista e um dos seus fundadores.

Atenciosamente,

Geraldo Zanini Louzada

Sr. Editor.

No número de abril-junho de 1989, a Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical publicou, na página 103, interessante comunicação do Dr. José Maurício Alves Camello, apresentando resultados de inquérito coproparasitológico relativo a menores de cinco anos e pertinente a Recife. O autor examinou as

fezes de 1500 crianças, de ambos os sexos, utilizando os métodos de Hoffman, Pons e Janer e de Rugai e colaboradores.

A metodologia aplicada foi adequada e as verificações são confiáveis, permitindo avaliação correta das prevalências das parasitoses intestinais na população escolhida.

Verificamos, porém, que o relato dos resultados foi efetuado de maneira pouco usual, particularmente no que diz respeito à *Giardia lamblia* (*Giardia lamblia* 276-71,13%). Assim fazendo, ele está considerando que entre os protozoários esse parasita compareceu através da taxa de 71,13%. Portanto, leitor menos atento poderá confundir tal alta percentagem com o índice de prevalência da *G. lamblia*.

Objetivando contribuir para valorizar o estudo, desejamos propor um enfoque diferente e, cremos, útil, qual seja, calcular a prevalência de *G. lamblia* na totalidade da amostra examinada, refletindo dessa maneira a importância do flagelado entre os parasitas intestinais encontrados na faixa etária considerada. Em 1500 exames de fezes, 276 amostras foram positivas para *G. lamblia*, o que corresponde a 18,4% como índice de prevalência e esse percentual é o habitualmente registrado na literatura.

O mesmo raciocínio vale para os helmintos.

Rubens Campos e Vicente Amato Neto